

Esqueceram as Cidades esquecidas?

Forgotten Cities?

DOI:10.34117/bjdv7n4-356

Recebimento dos originais: 14/03/2021

Aceitação para publicação: 14/04/2021

Eder Donizeti da Silva

Doutor em Conservação e Restauro, Universidade Federal da Bahia
Depto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Sergipe

UFS-Campus de Laranjeiras

Endereço: Rua Samuel de Oliveira s/n, Laranjeiras, Sergipe

E-mail: eder@infonet.com.br

Adriana Dantas Nogueira

Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia
Depto Artes Visuais e Design, Universidade Federal de Sergipe

Endereço: Av.Mal.Rondon, s/n. DAVD-UFS, São Cristóvão, Sergipe

E-mail: adnogueira@gmail.com

RESUMO

Este artigo aborda alguns fatores que tornaram “esquecidas” as cidades São Cristóvão e Laranjeiras, localizadas em Sergipe, no Brasil. A questão é se elas não teriam sido pensadas originalmente para realmente serem esquecidas a partir de um planejamento português de implantação urbana. Para tanto, algumas características próprias do modelo de implantação urbanístico português dos séculos XVI a XVIII são consideradas nesta análise que aborda as duas cidades mencionadas, propondo uma terceira análise comparativa com outra “cidade esquecida”: Alcântara, no Estado do Maranhão. A análise da implantação portuguesa e da configuração urbana das cidades acaba por gerar considerações que podem caracterizar o conceito proposto de “cidade esquecida”.

Palavras-Chave: Cidade, Urbanismo, Colonial, Planejamento, Configuração.

ABSTRACT

This paper addresses some factors that made some cities as “forgotten” cities, it could be mentioned two of them, like São Cristóvão and Laranjeiras, located in Sergipe, Brazil. One main question is if they would not have been originally thought to be really forgotten, regarding Portuguese urban planning. Therefore, some characteristics of the Portuguese urban settlement model from the 16th to the 18th centuries are considered for comparative analysis, which addresses these cities for proposing a third “forgotten city”: Alcântara, located in the State of Maranhão. Analyzing Portuguese settlement and the urban configuration of the cities ends up generating considerations that can characterize the proposed concept of “forgotten city”.

Keywords: City, Urbanism, Colonial, Planning, Settlement.

1 INTRODUÇÃO

De certa forma, os portugueses foram se fixando estrategicamente nos pontos possíveis para estabelecer, defender e atacar, tratava-se de estratégia derivada do conhecimento medievo das Artes da Guerra, engenharia e navegação, mesmo com baixo quantitativo militar, conquistaram e mantiveram todo o seu império por vários séculos.

Algumas cidades eram mais escondidas, mais estrategicamente posicionadas, entre o mar e o interior, garantindo uma vantagem militar e geográfica, como São Cristóvão, que teve origem a partir da implantação portuguesa do século XVI (Reis Filho, 1968; 2001), mas que acabou não se desenvolvendo tanto como algumas outras cidades mais conhecidas internacionalmente como Salvador, Rio de Janeiro, Belém, Ouro Preto..., embora possua valor histórico, arquitetônico e urbanístico, parece ter ficado esquecida ao longo do tempo. Hoje, São Cristóvão possui uma população urbana de cerca de 66 mil habitantes (IBGE, 2010), contudo está dentro da denominada “Grande Aracaju”, o que faz com que parte de sua população seja mais ligada economicamente à capital, isso também pode ser considerado como um fator do não desenvolvimento da sede, mantendo a cidade como *cidade esquecida*, ao longo das décadas.

Já a localização da cidade de Laranjeiras possui uma forte identidade com o rio Cotinguiba, que atravessa a cidade; assim como a cidade São Cristóvão, possui uma forte relação com o rio Vaza-Barris, ambas apresentam relação com o mar a partir destes afluentes.

Laranjeiras surgiu em 1799, mas já existiam igrejas barrocas implantadas desde 1701, no alto das colinas em sua região; não demonstrou uma facilidade de acesso por terra, além de ser implantada entre montanhas e colinas, longe do mar e tendo o rio Cotinguiba margeando a cidade, de forma muito curvilínea, o rio foi sua estrada de chegada natural e determinante de sua existência.

Este artigo pretende “instigar” a pesquisa e a reflexão para o que seja uma “cidade esquecida” dentro de um modelo urbanístico português de atuação militar e exploratória do novo continente, entre 1500 e 1799, com a possibilidade de determinar configurações urbanas com características específicas. Nesta busca conceitual sobre o planejamento urbano, pode-se destacar mais uma cidade: Alcântara, no Maranhão (Figura 1).

Figura 1- Localização de São Cristóvão, Laranjeiras e Aracaju (a esquerda) e de Alcântara e São Luís (a direita). Fonte: <http://maps.google.com.br>. Acessado em 03/06/2011 e em 25/02/2013.



2 O UNIVERSO URBANÍSTICO PORTUGUÊS DOS SEC. XVI-XVIII

A questão de implantar uma rede de cidades promovendo a defesa da costa e o recrudescimento ao combate a estrangeiros (ALCÂNTARA; DUARTE, 1998) pode ser apresentada, mas também o português veio buscar ouro e para isso foi se fixando estrategicamente nos pontos em que lhe era possível estabelecer, defender e atacar, com maior tranqüilidade possível, tratava-se de um misto de estratégia bem sucedida, derivada do conhecimento medievo das “Artes da Guerra”, engenharia e navegação.

O baixo quantitativo militar português necessitava de uma astuta e eficiente maneira de promover essa ação, portanto compensava-se a falta de homens com estratégias que permitiram ao português conquistar e manter todo o seu império por vários séculos sem um grande efetivo militar.

A busca dessa estratégia estaria na grande condição de conhecimento geográfico da costa brasileira através dos instrumentos para a percepção do espaço, onde a geometria permitia a medição e que passaram a ter muita importância na localização de futuras cidades e, depois, como seriam organizados os espaços urbanos e a arte da defesa das praças (MENEZES, 1998). Na figura 2 pode-se notar como esse conhecimento era inquestionável, relacionado à cosmografia, possibilitando a eficácia para a implantação dos futuros pontos estratégicos.

Essa estratégia era aplicada de forma tão acentuada que não deveria revelar a ninguém os pontos mais importantes de defesa do litoral brasileiro, então os locais dessas cidades teriam sido escolhidos por diversos fatores, mas também pela decisiva questão da defesa, em locais que possibilitavam os portugueses verem sem ser vistos, e claro a situação de vantagem ao ser atacado.

Figura 2- Mapa do Brasil em 1666, por João Teixeira Albarnaz. Fonte: “Do Cosmógrafo ao Satélite” (2000, p.27).



DELSON (1997) prova que o planejamento português para vilas no Brasil colonial segue regras específicas, e renega o mito que as cidades brasileiras cresceram de forma espontânea e com padrão orgânico no período colonial, pois os portugueses estabeleceram uma regulamentação para explorar áreas de ouro, incluindo nomeação de empregados portugueses (que recebiam parcela do ouro explorado, evitando a venda do ouro para grupos estrangeiros), além de estabelecer uma legislação para lidar com os “bandeirantes” que se diziam donos da terra, já no século XVII, também estabeleceram pequenas propriedades para os homens portugueses, bem como avançaram sobre as vilas espanholas (perante o Tratado de Tordesilhas) para efetivar a ocupação portuguesa nessas áreas, levando a regra internacional da “*uti possi de tis*”, que dizia que a propriedade poderia ser reclamada por quem habitava nela.

Essas questões estariam presentes em todas as cidades do litoral e interior brasileiro, mas a hipótese é que algumas cidades deveriam e teriam sido implantadas para serem exclusivamente esses locais últimos de defesa e segurança da costa, uma vez que outras cidades serviriam, além dessa defesa, para outras atividades naturais às cidades, como comércio, administração e etc.

Dessa forma, seria possível afirmar que teriam sido construídas certas cidades como bastiões de defesa, algumas eram escondidas, portanto, mais estrategicamente posicionadas, além de sua relação não apenas com o mar, mas sua relação com o mar e o interior (VALLA, 1998).

Assim foram localizadas as cidades São Cristóvão e Laranjeiras em Sergipe, cidades para serem esquecidas, estrategicamente, de forma a garantir a vantagem militar e geográfica.

3 EM BUSCA DE UMA CONFIGURAÇÃO URBANÍSTICA PORTUGUESA: SÃO CRISTÓVÃO E LARANJEIRAS

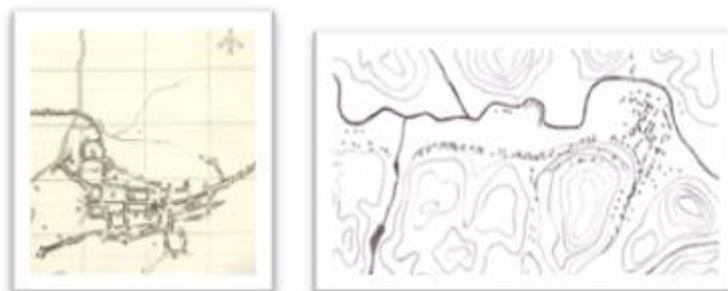
São Cristóvão e Laranjeiras, reconhecidas como “cidades esquecidas”¹, possuem em comum a posição geográfica de sua implantação, entre colinas e longe do mar, mas tendo uma relação importante com os rios (Figura 3).

A vila de São Cristóvão foi fundada em cerca de 1590 por Cristóvão de Barros, quando exerceu interinamente as funções de Governador Geral. Ocupou a região, dominou os indígenas, garantindo as ligações por terra entre Bahia e Pernambuco.

A localização de São Cristóvão, entre colinas, próximo ao rio Vaza Barris, e tendo o rio São Francisco a aproximadamente 100km ao norte (local onde batalhas aconteciam mais frequentemente), dificultava a vinda de notícias da metrópole. Por volta de 1608, existiam 500 construções, uma praça com uma igreja, oito moinhos de açúcar (NUNES, 1989), o que tornava a cidade um local de “relaxamento” e de vantagem contra os inimigos ao ser considerado “escondido”.

Em Laranjeiras, a configuração urbana inicial era linear, devido à importância que o rio Cotinguiba tinha para os moradores, pois era por onde as mercadorias chegavam para serem estocadas nos grandes armazéns da cidade (os trapiches). Houve um período de apogeu econômico no início do sec.XIX, mas seu crescimento foi interrompido em meados do mesmo século, com a transferência da capital, em 1855, quando muitos profissionais (médicos, advogados) e militares, moradores da cidade, transferiram sua moradia para Aracaju. A partir daí, a cidade vivenciou um período de decadência econômica, permanecendo sem grandes investimentos em setores desenvolvimentistas como comércio e serviços.

Figura 3- São Cristóvão, em 1850 (à esquerda). Fonte: Azevedo, 1980; Laranjeiras, em 1840 (à direita). Fonte: Azevedo, 1975.



¹ Estudos realizados em: Nogueira, A. D. ; E. D. da Silva, (2007), Forgotten cities: São Cristóvão in Sergipe Del Rey, in International Seminar on Urban Form, 2007, ISUF 2007, UFOP, Ouro Preto ; Nogueira, A. D.; E. D. da, Silva, (2011), Rediscovering a forgotten city: the case study of Laranjeiras in International Seminar on Urban Form- ISUF 2011, Concordia University, Montreal, Canadá.

Inicialmente, São Cristóvão teria sido implantada para servir a defesa contra os ataques inimigos, posteriormente teria se tornado já no século XVII uma das principais rotas de ligação com Salvador/Recife através de estradas marítimas ou terrestres para a comercialização de gado e fumo (NUNES, 1989); na verdade, a localização de São Cristóvão reforça a hipótese da “cidade esquecida”: um local de descanso e defesa entre as duas principais cidades do período colonial (Século XVI, XVII). Muitos dizem que a conquista de Sergipe foi uma verdadeira bandeira requerida pelo rei de Portugal (Felipe I), que via na união entre índios e franceses da região um grande perigo às capitanias da Bahia e Pernambuco.

Por volta do ano 1800, a povoação de Laranjeiras possuía perto de 3mil pessoas e em seu porto (conhecido como Barra do Cotinguiba) costumavam ancorar vinte barcos e, no verão (de setembro a março), cada um deles fazia 4 viagens para Salvador, capital da Bahia (AZEVEDO, 1975. p.21, v.1).

O século XIX foi o século de ouro da cidade, segundo Silva e Nogueira (2007, pp. 37-39), já em 1824, era considerada a povoação mais rica da província, com mais de sessenta engenhos de açúcar, fábricas de charutos e aguardente, além de representações de casas comerciais européias, e passou à condição de cidade em 04 de maio de 1848. No final do século XIX e início do XX, fundam-se teatros, liceus e clubes, ampliando a vida intelectual da cidade (SANTOS, 2000). As encostas dos morros foram sendo ocupadas por construções na sua parte mais baixa, enquanto que a parte alta localizavam-se as igrejas. De certa forma, era uma Cidade-Armazém (AZEVEDO, 1975. p.96), houve um crescimento populacional, o que deu relevância às funções comerciais.

Contudo, com a abolição da escravatura, os proprietários de terra não podiam pagar aos trabalhadores, muita terra foi abandonada, as terras se transformavam em pastagens para o gado. Houve uma rápida decadência de Laranjeiras.

Enfim, nem São Cristóvão nem Laranjeiras, no século XX apresentavam atrativos ou caracterizavam-se por trazer o progresso. As inovações e serviços chegavam para formar uma nova sociedade a partir de um traçado urbano projetado por um engenheiro na nova capital, que prometia trazer o progresso do exterior, com seu traçado retilíneo e delimitado em quadras geométricas. Assim, São Cristóvão e Laranjeiras caem ainda mais no esquecimento a partir da implantação projetada de Aracaju.

4 UMA NOVA CIDADE ESQUECIDA?

Certas cidades brasileiras, apesar de portadoras de reconhecida patrimonialidade, originadas entre os séculos XVI e XVIII são pouco discutidas ou nem estão presentes em referências bibliográficas importantes, sendo pobremente citadas nos trabalhos de grande reconhecimento (TIRAPELI, 1999). Além de São Cristóvão (origem em 1590) e Laranjeiras (origem em 1799) em Sergipe, podem ser citadas diversas outras no território brasileiro, como a cidade Alcântara (elevada a vila em 1648), localizada no Estado do Maranhão, vizinha a capital São Luís.

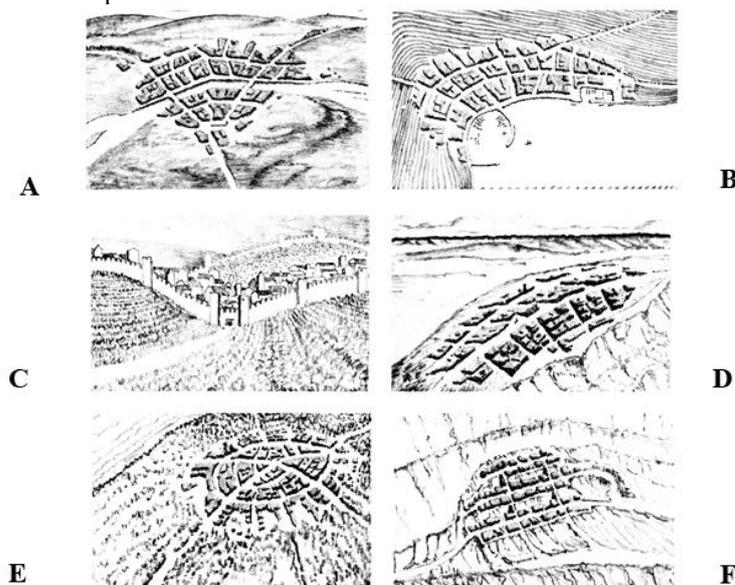
Localizada na desembocadura de um grande rio, mas protegida do mar através de sua posição voltada para o interior, apresenta-se a dúvida se Alcântara também poderia ser compreendida como uma “Cidade esquecida”, já que possuiu uma história urbana muito semelhante a São Cristóvão e Laranjeiras, de auge e decadência. Após diversas lutas entre índios tupinambás, que possuíam proteção de franceses, houve a retomada da terra pelos portugueses por volta de 1663, e acabou servindo de base militar na luta contra os holandeses na capital São Luís.

A cidade, que atingiu 8mil pessoas nessa época, mantinha na parte alta as casas dos senhores e na parte baixa as igrejas, o comércio e acesso ao porto. A economia vivia das plantações e dos engenhos, que produziam arroz açúcar, gado e algodão, em plena Revolução Industrial exportava para a Inglaterra. Em 1799, 10 mil escravos chegaram a trabalhar nas fazendas. Em 1856, havia 81 fazenda de cereais, 22 engenhos de açúcar, 24 fazendas de gado e mais de 100 salinas na cidade. Uma rica elite enviava seus filhos para estudar na Europa e se vestia na última moda francesa e inglesa, importando produtos. Contudo, a partir do final do século XIX, começou o período de decadência em que a cidade vive até recentemente, passou a ter apenas 4mil habitantes em 1896, fechou-se a igreja Matriz e as plantações de algodão não existiam mais.

As causas podem ser de cunho social e econômico, de âmbito nacional e internacional, como a abolição da escravatura, evolução das técnicas agrícolas, recuperação dos EUA o cultivo do algodão, melhoria no transporte de produtos de outras regiões do Brasil, etc (http://www.cidadeshistoricas.art.br/alcantara/al_his_p.php acesso em 26-02-13 as 21:10h).

Contudo, pode-se entendê-la como uma “cidade esquecida”? Sua estrutura segue a mesma formalidade das cidades litorâneas do século XVII? Kostof (2001) apresenta seis tipos de implantação de cidades, tendo a topografia como um dos determinadores da forma urbana (Figura 4):

Figura 4- **A:** Assentamento Ribeirinho; **B:** Porto Natural; **C:** Local de Defesa; **D:** Limite Linear; **E:** Cidade na Colina; **F:** Terreno em Depressão.



Fonte: KOSTOF, 2001, p. 54.

Alcântara possui, geograficamente, uma tendência natural a ser uma cidade porto. Em períodos de formação inicial, a cidade viveu uma experiência militar, por causa de sua adequada localização perante os ataques estrangeiros, contudo, a cidade possuiu seu auge econômico e social, e logo depois atingiu um declínio em seu desenvolvimento. Não servindo mais para o fim militar, não pôde mais se erguer, pois os contatos por via fluvial ou marítima não foram mais estimulados através de seu porto. Pode-se compreender que, apesar de inicialmente ter sido um local de ataque e vigília aos holandeses que se estabeleceram em São Luís e apesar da semelhança com São Cristóvão e Laranjeiras (que almejaram ser locais de defesa e descanso), Alcântara acabou se voltando para o interior e não para o mar.

A configuração urbana atual da cidade pode ser percebida na Figura 5, em que o traçado urbano se voltou mais para as atividades internas do que para atividades litorâneas ou marítimas (como a existência de um porto em pleno funcionamento) ou a ligação com a cidade próxima (São Luís).

decadência social, estando bastante relacionados às atividades econômicas e fatos políticos nacionais.

Há muito que pesquisar para que a hipótese seja realmente provada em relação a definição de um modelo urbanístico português de implantação e ordenamento urbanos intitulado “cidades esquecidas”, embora este artigo não seja o primeiro ensaio a permear algumas pistas que possam levar a desvendar o ar de mistério que a atmosfera de algumas cidades exalam, há muito ainda o que se fazer. Espera-se ter provocado, ao menos, o questionamento do argumento e do contraditório, e ter aguçado o imaginário em que, pode-se dizer, não haver mais dúvidas sobre a existência das *Cidades Esquecidas*.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, D.; C. Duarte. O Estabelecimento da rede de cidades no Norte do Brasil durante o período filipino. In: Colóquio Internacional do Universo Urbanístico Português 1415-1822, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, p. 283, 1998.

AZEVEDO, P. O. D. (org.). Plano Urbanístico de Laranjeiras, Vol. I. Grupo de Restauração e Renovação Arquitetônica e Urbanística. Salvador: FAU-UFBA, 1975.

AZEVEDO, P. O. D. (org.). Plano Urbanístico de São Cristóvão, Vol. I, II, III, IV. Grupo de Restauração e Renovação Arquitetônica e Urbanística. Salvador: FAU-UFBA, 1980.
DELSON, R. M. Novas vilas para o Brasil-Colônia: planejamento espacial e social no século XVIII. Brasília: Ed. ALVA-CIORD, 1997.

DO COSMÓGRAFO ao Satélite. Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

KOSTOF, S. The City Shaped: urban patterns and meanings through history. London: Thames & Hudson Ltda, 2001.

MENEZES, J. L. M. Instrumentos para a percepção do espaço da “escola portuguesa de urbanismo. Geometria prática. In: Colóquio Internacional do Universo Urbanístico Português 1415-1822, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1998.

NOGUEIRA, A. D.; SILVA, E. D. da. Rediscovering a forgotten city: the case study of Laranjeiras. In: International Seminar on Urban Form- ISUF 2011, Concordia University, Montreal, Canadá, 2011.

NOGUEIRA, A. D.; SILVA, E. D. da. Forgotten cities: São Cristóvão in Sergipe Del Rey. In: International Seminar on Urban Form, Ouro Preto, 2007.

NUNES, M. T. Sergipe Colonial I. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

REIS FILHO, N. G. Evolução Urbana do Brasil (1500/1720). São Paulo: Pioneira, 1968.

REIS FILHO, N. G. Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial. São Paulo: Edusp, 2001.

SANTOS, Z. Laranjeiras: sua história, sua cultura, sua gente, Prefeitura Municipal de Laranjeiras-SEMEC, 2000.

SILVA, E. D. da; NOGUEIRA, A. D. Lançando um olhar sobre o Patrimônio arquitetônico de Laranjeiras. In Verônica Maria Meneses Nunes; Adriana Dantas Nogueira. (Org.). O Despertar do conhecimento na Colina Azulada: a Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras. São Cristóvão: EDUFS, 2007. p. 37-97.

SILVA, E. D.; NOGUEIRA, A. D. O meio físico como condicionante no projeto de implantação urbano-paisagística.. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, p. 27087-27104, 2021.

TIRAPELI, P., W. Pfeiffer. *As mais Belas Igrejas do Brasil*. São Paulo: Metalivros, 1999.

VALLA, M. Espaço Urbano No Recinto Fortificado Do Século XVII: Teoria e a Prática, in *Colóquio Internacional do Universo Urbanístico Português 1415-1822*. Comissão Nacional Para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, p.383-392, 1998.